

A CRÔNICA de Rubem Braga

DOIS NA GANGORRA

NO COMEÇO do terceiro ato a amiga que eu levava a ver "Dois na Gangorra" perguntou se a peça acabava bem ou mal. Eu preferi fazer mistério, mas achava que acabava bem. Ela achou que acabou mal.

Claro, não há propriamente um **happy end**, mas a verdade é que podia ser pior — e se aquilo continuasse no clima em que estava na hora da arrumação da mudança, antes de a mulher encontrar aquele documento — o final seria tão melancolicamente prosaico e chato que seria insuportável.

Uma qualidade primária de "Dois na Gangorra", de William Gibson, é fazer o espectador chorar e rir — e nem por um instante se aborrecer. No fim acho que ele sai com uma espécie de confortável melancolia — bem, mas isso depende de cada um. Há momentos em que a peça, jogando com os elementos mais banais, atinge o patético. E ela é sempre boa literatura por isso mesmo, pela finura com que enfrenta o cotidiano e pela honesta discrição com que dele tira a emoção de arte.

A direção de Celi e a interpretação de Tônia Carrero e Paulo Autran (a peça tem apenas dois personagens visíveis, e os outros não fazem nenhuma falta) mostram que a C.T.C.A. atingiu uma bela maturidade profissional, fez-se um instrumento de arte fino, plástico e sensível, que honra a nossa cultura. Direi ainda que o cenário de Lauro Lessa é perfeitamente adequado e tem essa qualidade estimável que é não procurar roubar a atenção do espectador, que deve estar presa à ação, mas apenas dar a essa ação o ambiente próprio.

Meu conselho é portanto êste: ir ao Mesbla. E leve o leitor a amiga, a esposa, ou a namorada, na certeza de que isso será um barato (200 cruzeiros) mas altamente valioso presente suplementar de Natal. A tradução é muito boa, de Tati Moraes, e se eu atralhei alguma coisa metendo minha colher, a própria trinca do teatro a melhorou, graças à inestimável experiência dos ensaios.

A interpretação, eu já disse, está excelente. E se Paulo Autran apenas confirma sua excelente classe em um papel que não tem nada de excepcional, Tônia Carrero nos dá, nessa judia do Bronx, uma nova dimensão de si mesma, tão mudada na voz e no gesto, até no andar. Que ela seja louvada, essa mulher de impressionante e raríssima beleza, pela humildade com que veste outras almas para nos encantar e nos comover. Sai do teatro estimando ainda mais Tônia Carrero — o que eu achava impossível.

21/12/60

196